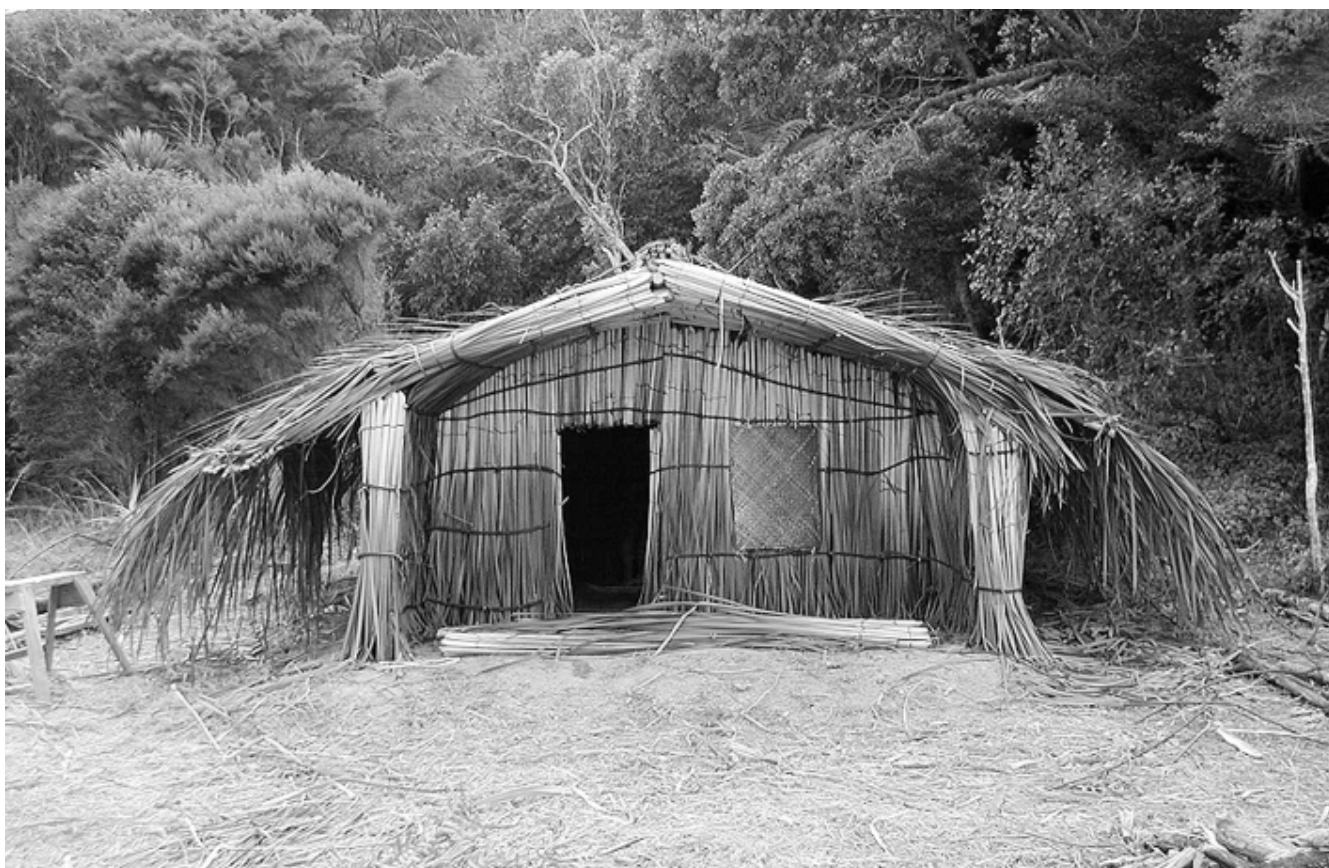


*O Maori Studio nasceu em 1997 através de um memorando de entendimento entre um grupo das comunidades dos Maori (Te Runanga o Whaihanganga) e a Escola de Arquitetura (ScALA) da Universidade de Auckland (UNITEC). Desde o início, o Maori Studio conta com o apoio da diretoria da ScALA e da UNITEC. A relação entre o grupo de professores, alunos da ScALA e as comunidades Maoris tornou possível desenvolver um trabalho que tem como objetivo utilizar a arquitetura como um agente de melhoria de qualidade de vida. César Wagner, professor da ScALA e um dos integrantes do grupo conta um pouco mais sobre o trabalho do Maori Studio numa entrevista concedida exclusivamente para a revista Arqtexto através da arquiteta Celma Paese, em novembro de 2005.*

# Maori Studio



*Projeto Whare Raupo 2005*

**Arqtexto** - *Como é o relacionamento entre a comunidade, a Universidade e o Maori Studio?*

**Maori Studio** - Nosso relacionamento com a comunidade é, basicamente, determinado pelos projetos que fazemos. No momento, o trabalho que realizamos não chega a ser conhecido pela grande maioria das comunidades Maori, mas desenvolvemos um relacionamento muito forte com as pessoas e comunidades com quem trabalhamos até então. Isto é, obviamente algo que reflete nossa capacidade de trabalho até agora, onde parte da nossa equipe é composta por *part-timers* e a necessidade de mais *fulltimers* e voluntários está gradativamente aumentando. Todos os projetos que desenvolvemos até agora ajudaram a fortalecer nosso relacionamento com os grupos da comunidade Maori que atendemos, assim como o documentário para a televisão sobre o projeto Whare Raupo, em Whangaruru, também nos tornou mais conhecidos.

○ que esperamos ver é a arquitetura ser compreendida e usada, pela comunidade, como uma importante ferramenta no seu desenvolvimento, e não somente por aqueles com quem já trabalhamos, mas também pelas comunidades que viram os documentários e começaram a pensar sobre a possibilidade de iniciarem projetos semelhantes por seus próprios meios. A impressão que temos das pessoas com quem falamos é que elas estão realmente muito interessadas no trabalho que realizamos e gostariam de saber como poderiam iniciar um projeto em conjunto com o estúdio. Assim, mais uma vez, a questão é rever nossa capacidade de trabalho. Há oportunidades para muitos mais projetos, mas ainda somos muito limitados pelo tipo de trabalho que nos é possível desenvolver no estúdio até o momento.

○ relacionamento do Maori Studio com a Escola de Arquitetura (ScALA) começou em 1997. Nesta data, um memorando de entendimento entre um grupo externo consultivo dos Maori (Te Runanga o Whaihangā) e a escola de arquitetura foi estabelecido formalmente. Desde aquela época temos recebido o apoio e incentivo do então diretor da escola, John Sutherland, e também do atual diretor, Tony van Raat. Nosso relacionamento com a UNITEC está fortemente baseado no trabalho que estamos desenvolvendo junto ao UNITEC Marae, um espaço aberto associado à tradicional casa de reunião Maori (Whare), que está sendo construído no campus da universidade.

**Arqtexto** - *Como se dá a participação do Maori Studio na comunidade?*

**Maori Studio** - Tentamos fornecer qualificação técnica e algum conhecimento à apreciação pela Tikanga Maori (a maneira Maori de se fazer as coisas), materiais e técnicas construtivas que melhor atendam as necessidades da comunidade. Tentamos, dessa maneira, completar uma lacuna gerada pelo processo de colonização ao qual as comunidades Maori foram submetidas, onde suas habilidades, conhecimentos e sistemas

construtivos foram desvalorizados sistematicamente - inclusive sendo declaradas ilegais - em favor de processos construtivos alienígenas a sua realidade.

Este é um estudo bastante interessante porque, quando a força de trabalho Maori começou a ter acesso à educação na Nova Zelândia dos anos 50, a ênfase principal estava no seu treinamento em escolas técnicas, sendo muitos desses jovens Maori direcionados para a construção civil. As comunidades viam no treinamento desses jovens operários um equivalente moderno ao *Tohunga Whakayro*, que para os Maori era o arquiteto, o engenheiro, o mestre-de-obras e o construtor em épocas pré-européias. As habilidades adquiridas por esses construtores e operários começaram, então, a aparecer e atravessamos um período terrível em termos arquitetônicos. Estruturalmente, certos edifícios podiam chegar até a funcionar, mas do ponto de vista cultural e arquitetônico eram um verdadeiro fracasso. Este modelo europeu de escolas técnicas e a atitude de negação à cultura Maori se enquadrava no processo de geração de mão-de-obra "qualificada" para a construção civil, e revelava a estrutura social existente na Nova Zelândia daquela época. Outro fato é que, até o final dos anos 70, não haviam arquitetos Maori trabalhando ativamente junto às comunidades, ficando estas a funcionar totalmente a parte do mundo da arquitetura, e construindo da mesma maneira que sempre o fizeram.

Somente nos anos 80, com a entrada em cena de arquitetos Maori como Mike Barns, Rewi Thompson e John Scott, é que se começou a discutir os caminhos a serem tomados pela arquitetura Maori. Da necessidade de um outro nível de desenvolvimento projetual e do resgate de elementos da estética *Tohunga*, dentro do atual processo de projeto. Todos estes arquitetos tiveram como objetivo trabalhar com as comunidades Maori, mas é também importante lembrar que havia muita frustração devido à falta de recursos financeiros, diferenças culturais e outras dificuldades por que passavam as comunidades naquela época.

O que o Maori Studio tenta fazer é observar o modelo tradicional e assegurar a inclusão desses valores junto às comunidades, através da reeducação e revalorização dos processos nativos de construção e *design*, ao invés de importar técnicas alienígenas à cultura local. Tentamos complementar as habilidades que a comunidade já possui e reforçar sua própria linguagem de projeto através da valorização de sua cultura. Através da construção de maquetes em diferentes escalas e oficinas de desenho, asseguramos a participação da comunidade em todas as etapas do processo.

**Arqtexto** - *Como vocês chegam a elas?*

**Maori Studio** - Basicamente não chegamos às comunidades. Há sempre um convite (*Tono*), um protocolo que deve ser seguido. Na cultura Maori é muito importante que você seja convidado. Porque quando você é convidado, você será bem-vindo, você será respeitado e cuidado

pela comunidade. Não nos aproximamos delas dizendo: “olha, nós podemos fazer tal coisa”, porque olharão para nós como se estivéssemos tentando nos vender. É muito mais importante que as pessoas nos reconheçam pelo o que fazemos e, então, venham a nós, e responderemos a eles como pudermos.

Com o projeto Te Whaite, Peter Goldsbury contactou ambas as universidades, Auckland e UNITEC. Ele não obteve uma resposta da Universidade de Auckland e a UNITEC o pôs em contato conosco. Após nosso primeiro encontro, preparamos um relatório e, o mais importante, fomos nos encontrar com a comunidade em Te Whaite. Outro projeto que fizemos, em 2003, foi o Tatai Hono (Sagrado Sepulcro). Este foi um convite que partiu diretamente da comunidade Maori local a Rau Hoskins e Carin Wilson.

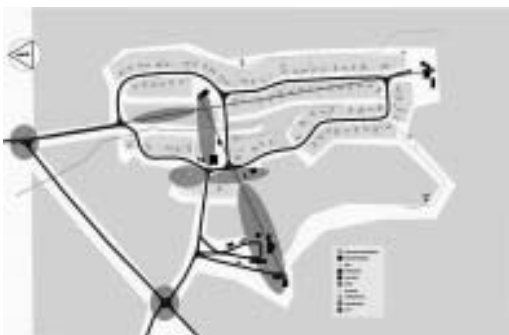
Nós estamos comprometidos com a escola em produzir uma publicação sobre os projetos que o Maori Studio desenvolveu desde o seu início. Esta publicação facilitará que as informações sobre nosso trabalho cheguem às comunidades. Queremos também que as comunidades entendam a importância de que jovens membros da comunidade estudem e se formem arquitetos. Muitas das comunidades Maori ainda operam de maneira tribal, descobrindo e valorizando as habilidades dentro da sua própria comunidade ao invés de buscarem soluções fora do seu grupo. Procurar recursos fora da comunidade, para muitas delas, é a última opção.

Pensamos que, no futuro, o mais provável seja que os contatos com as comunidades e os convites sejam feitos diretamente ao Maori Studio e à equipe envolvida nos projetos e, ocasionalmente, à escola e à UNITEC.

**Arqtexto** - Como é o relacionamento entre o Maori Studio e a comunidade na escolha do tema a ser desenvolvido?

**Maori Studio** - Varia, dependendo do projeto e da comunidade. É importante que a comunidade tenha claro quais são suas prioridades para que possamos discutir problemas e soluções, adequando-os da melhor maneira possível às limitações dos nossos estudantes e do calendário acadêmico.

Por exemplo, no projeto Te Whaite, a comunidade ainda não tinha uma idéia clara de quais eram as suas prioridades, mas de uma certa maneira isso até nos ajudou. Usamos as primeiras semanas para fazer uma análise da pequena cidade - quase uma vila - em um nível mais urbano, dando à comunidade algum tempo para identificar melhor suas prioridades. Dessa maneira, tivemos estudantes trabalhando no desenho urbano e também em áreas mais específicas, selecionadas em conjunto com a comunidade. Esse processo ajudou a comunidade a identificar o projeto para o viveiro de plantas como a sua principal prioridade. Outro fator importante nesse projeto foi a quantidade de galpões e prédios abandonados a que tivemos acesso, o que nos deu a oportunidade de explorar melhor certas possibilidades projetuais.



*Estudo de urbanização da vila. Te Whaite, 2004.*



*Reunião da equipe com a comunidade. Te Whaite, 2004.*



*Construção com materiais disponíveis. Te Whaite, 2004.*

Em outros projetos as comunidade já possuem um entendimento claro de quais são as suas prioridades, e quais os problemas que devem ser resolvidos primeiro.

**Arqtexto** - Como o programa é visto pela escola e pela UNITEC?

**Maori Studio** - Como a maioria dos nossos projetos acontecem fora de Auckland, o pessoal da escola raramente tem algum tipo de contato com eles. Mas, independente disso, contamos com um forte apoio, tanto dos outros professores, como da direção da escola. E isso se deve em parte porque fazemos as coisas diferente dos outros estúdios, e também porque sempre temos uma boa resposta das comunidades Maori com quem já trabalhamos. Não sabemos de nenhum grupo dentro da escola que se oponha ao que estamos fazendo. Pensamos que todos eles valorizam o que fazemos e estão bastante curiosos com o resultado desses projetos.

Sendo o único estúdio que executa projetos reais junto às comunidades, dentro da Escola de Arquitetura da UNITEC, e também o único estúdio que trata e estuda a cultura Maori dentre as outras duas escolas de arquitetura no país, o trabalho que realizamos é reconhecido e promovido extensamente pela escola e pela universidade. Nós definitivamente queremos ampliar nossa capacidade de trabalho através do intercâmbio de tecnologia e informação com as outras escolas e centros de pesquisas existentes dentro da UNITEC. Neste semestre estamos desenvolvendo um projeto junto ao nosso próprio prédio aqui na UNITEC. Uma grande oportunidade de mostrar nosso trabalho a toda a universidade.

A escola sempre apoiou as nossas iniciativas, e isto é o que é realmente bom na UNITEC. Se você quiser desenvolver uma idéia, e realmente acreditar e investir nela, as pessoas da escola não irão criar nenhum obstáculo para isso. Temos um provérbio no estúdio que diz: "peça desculpas, não permissão".

**Arqtexto** - Quando se formou o Maori Studio e quem era o grupo inicial?

**Maori Studio** - A arquitetura Maori tem sido ensinada na escola desde 1997, com a nomeação do primeiro professor titular Maori, Derek Kawiti. Desde então, cursos teóricos sobre arquitetura Maori e estúdios de projeto, tendo como tema a cultura Maori, têm sido oferecidos pela Escola de Arquitetura.

Em junho de 2003 o Centro Maori de Arquitetura e Tecnologia (*Te Hononga*), foi inserido formalmente no currículo da escola. Este centro veio a ser formado do antigo desejo de expor os estudantes às diferentes possibilidades de aprendizagem, decorrentes da real necessidade de um acompanhamento técnico pelas quais passam as comunidades Maori. Os cursos do *Te Hononga* estão abertos a todos os estudantes, com eletivas que são oferecidas no primeiro semestre e estúdios de projeto, que integram verticalmente os ateliês, geralmente oferecidos a partir do segundo semestre.

A equipe do Maori Studio atualmente é composta por Rau Hoskins,



*Perspectiva do projeto. Te Hononga, 2005.*



*Construção da estrutura. Te Hononga, 2005.*



*Cortando os postes. Te Hononga, 2005.*



*Rau Hoskins, Cesar Wagner e Carin Wilson analisam maquete com membros da comunidade. Te Hononga, 2005.*

Carin Wilson, César Wagner e Regan Potagaroa, além de outros professores que eventualmente também trabalham no centro. Este trabalho também recebe o apoio do historiador Haare Williams, nosso “*Kai takawaenga*” ou “aquele que preserva a cultura do *Te Hononga*”. O foco atual do centro está no projeto e pesquisa, junto às comunidades, das novas e tradicionais tecnologias Maori de construção.

**Arqtexto** - *Com quais recursos vocês contam e como fazem para viabilizar e executar os projetos?*

**Maori Studio** - No projeto *Te Whaite*, a comunidade tinha a promessa de um financiamento do governo, vindo da Secretaria de Indústria e Comércio da Nova Zelândia. Entretanto, o governo está consciente do uso indevido do dinheiro público por pessoas de má-fé, o que fez com que a comunidade de *Te Whaite* enfrentasse uma tremenda burocracia para receber o tal financiamento. Mas, no final, o financiamento veio e o projeto se concretizou.

Outro fator importante na economia das comunidades Maori é o *Marae*. O *Marae*, que é o espaço aberto associado à tradicional casa de reunião Maori (*Whare*), representa o centro, a espinha dorsal da comunidade Maori. É ali onde todas as decisões são tomadas e respeitadas pelo grupo. O *Marae* tem a sua própria economia e o processo está bem organizado para que as coisas aconteçam na comunidade. Eles estão constantemente a procura de doações e verbas dentro e fora da comunidade. O conceito do *Koha* (doação espontânea) é o que mantém e faz o *Marae* ir em frente.

Há também o conceito de *Utu*, ou reciprocidade, muito forte nas comunidades Maori. Se nos convidam para um projeto, dizemos: “Nós não cobramos honorários profissionais. Você terá um trabalho profissional, mas não estaremos cobrando por isso. Sendo assim, esperamos alguma reciprocidade de vocês. Vocês precisam pagar por nossos custos de transporte, estadia e por outros pequenos gastos em materiais para maquetes e afins”. E normalmente não há nenhum problema com este tipo de postura.

A Nova Zelândia é um país relativamente próspero. Há pessoas e grandes companhias que contamos que normalmente nos fornecem madeira ao preço de custo, ou de graça. Há bons motivos na economia desse país para que projetos como estes se mantenham através de doações e do uso de materiais baratos e reciclados. Mas no final das contas, o “material humano” é o mais importante. Procuramos sempre valorizar as habilidades e os recursos de que dispomos, tanto na escola como nas comunidades.

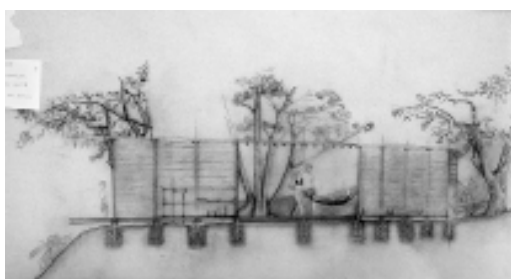
No projeto *Whare Raumati* e no projeto *Whare Raupo* (2003), o *briefing* especificava: “Não haverá nenhum material comprado em lojas de materiais de construção. Haverá os materiais encontrados no local ou fornecidos pela comunidade”. Este tipo de projeto é muito gratificante para a comunidade, que começa, dessa maneira, a valorizar as habilidades



Construção da estrutura. *Whare Raumati*, 2002.



Canteiro de obras, Carin Wilson fabricando tijolos. *Whare Raumati*, 2002.



Estudo de fachada. *Whare Raumati*, 2002.

e recursos que possui dentro da sua própria comunidade, recusando-se a comprar materiais industrializados que normalmente não têm nada a ver com a sua cultura e o seu meio ambiente. Este mesmo princípio foi usado no projeto Te Whaite (2004), onde utilizamos areia e pedras do leito do rio e toras de madeira, deixadas no chão da floresta por antigas serrarias, demonstrando à comunidade como reciclar e como usar os materiais nativos. No projeto Te Hononga (2005) estamos reciclando antigos postes de luz, que compramos a preço de banana.

O mais importante nesse tipo de projeto não é tanto o produto final, mas a possibilidade de que a comunidade aprenda, por si própria, a desenvolver esse tipo de projeto, usando os materiais e recursos que dispõe a sua volta.

#### **Arqtexto** - Qual a sua metodologia de trabalho e projeto?

**Maori Studio** - O que estamos tentando fazer é, primeiro, nos posicionarmos receptivos às necessidades da comunidade e segundo, informá-las do papel da arquitetura no seu desenvolvimento.

Primeiro precisamos decifrar o que a comunidade está tentando fazer, uma vez que, na tentativa de viabilizar tais projetos, a comunidade enfrentará certos problemas organizacionais junto ao seus diferentes grupos. Nós reconhecemos que esta é uma etapa importante para seu próprio desenvolvimento, e simplesmente não podemos nos envolver na solução deste tipo de problema por ser contraprodutivo e por não termos os meios para resolvê-los. Muitas vezes isto significa que necessitamos investir horas a fio para descobrir o quanto eles estão organizados e equipados para conseguir o que desejam. Isso pode significar também que tenhamos que esperar até o momento certo, antes de nos envolvermos com o projeto. Segundo, percebemos que tais comunidades têm uma compreensão muito limitada do que é arquitetura e como ela pode melhorar a qualidade de suas vidas. Inevitavelmente, dentro das comunidades, o assunto irá variar entre a habitação e o centro comunitário, geralmente baseado no *Marae*. Os Maori são extremamente práticos, muito habilidosos em trabalhos manuais. Para eles, a casa é essencialmente um abrigo e não faz mais que cinco, seis gerações que suas casas eram edificadas utilizando os recursos encontrados na natureza. Eles já sabiam construir competentes estruturas muito antes do europeu aqui chegar. O sistema tradicional inglês de construção (Westminster), chegou com os *Pakeha* (estrangeiros) e em 20 anos se transformou no sistema oficial. Os Maori tiveram problemas com isso desde o começo - guerras da terra - e as comunidades ainda sofrem o trauma da perda de autonomia, que veio com as mudanças impostas em seus próprios processos governamentais.

Com o uso do nosso conhecimento, um pouco de “jeitinho” e uma grande dose de criatividade, podemos ajudar essas comunidades a terem de volta um pouco do poder que perderam. Acreditamos que esta seja a essência de nossa contribuição. Não somos patrões, também não queremos ser burocratas. Nós queremos que as comunidades saibam que ainda é



*Construção da estrutura. Whare Raupo, 2003.*



*Colocação da cobertura. Whare Raupo, 2003.*



*Detalhe da cobertura para o fechamento lateral. Whare Raupo, 2003.*



*Detalhe da amarração da estrutura. Whare Raupo, 2003.*

possível, mesmo dentro da burocrática e controladora sociedade moderna, que suas escolhas e decisões sejam valorizadas e respeitadas. E que o *Marae*, o espaço sagrado onde sua *rangatiratanga* (autonomia) é soberana, ainda oferece consideráveis oportunidades para a criatividade e a improvisação na solução dos seus problemas.

O *Marae*, como instituição, permitiu aos Maori manter o seu sentido de comunidade, baseado em sua conexão ancestral à terra e à tribo (*iwi*). Sem o *Marae*, os povos Maori não estariam onde estão, e sabemos que outros povos indígenas de outros lugares do mundo, em visita à Nova Zelândia, apontaram o *Marae* como uma das instituições mais importantes em manter viva a cultura e as tradições Maori. O *Marae*, como estrutura social, está fora da sociedade dos Pakeha (estrangeiros) e foi capaz de manter a integridade do povo Maori em relação ao idioma, aos protocolos, à alimentação e à sua própria autonomia.

#### **Arqtexto** - Quais projetos vocês julgam mais relevantes?

**Maori Studio** - Desde 1999 executamos sete projetos, incluindo o projeto para o *Marae* da UNITEC (ainda em construção), o projeto para o auditório da escola de *Freemans Bay*, o projeto *Whare Raumati* em 2002, o projeto *Whare Raupo* em 2003, o projeto do Sagrado Sepulcro (*Tatai Hono*) em 2003 e o projeto *Te Whaite* em 2004. Este ano estamos envolvidos em um projeto junto ao nosso próprio prédio (*Te Hononga*), que inclui o desenho urbano para o pátio da escola, em uma área adjacente ao prédio, e a construção de uma varanda e uma nova entrada para o estúdio.

#### **Carin Wilson**

Designer e Artista Plástico. Estudou no Instituto de Art & Design Whitecliffe em Auckland. É professor visitante no Eastern Institute of Technology e diretor-fundador do Studio Pasifika Design. Atualmente é professor na ScALA - School of Architecture and Landscape Architecture - UNITEC em Auckland, Nova Zelândia.

#### **César Wagner**

Arquiteto e Urbanista. Estudou na UFRGS, na Universidade de Buenos Aires e na Architectural Association em Londres, tendo sido professor do departamento de urbanismo na UFRGS entre 2000/2001. Colaborou com escritórios de arquitetura no Brasil, Argentina, Holanda, Inglaterra e Nova Zelândia. Atualmente é professor na ScALA - School of Architecture and Landscape Architecture - UNITEC em Auckland, Nova Zelândia. [cwagner@unitec.ac.nz](mailto:cwagner@unitec.ac.nz)

#### **Rau Hoskins**

Arquiteto. Estudou na Auckland University, tendo sido professor no curso de arquitetura entre 1995/2000. É diretor-fundador do escritório de arquitetura Tribe Design e conselheiro do Departamento de habitação da Nova Zelândia. Atualmente é professor na ScALA - School of Architecture and Landscape Architecture - UNITEC em Auckland, Nova Zelândia.



*Maori Studio. Equipe Cesar Wagner, Carin Wilson, Rau Hoskins e alunos.*